

LÍNGUA PORTUGUESA

QUESTÃO 1

'O YouTube influencia o jeito de falar da minha filha'

O sotaque tem a ver com a forma que pronunciamos as palavras — como emitimos o som, onde posicionamos a língua — na hora de falar. O fonoaudiólogo e linguista Leonardo Lopes, presidente da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia (SBFa), explica que o uso de novas palavras e gírias ou a maneira de formular frases exigem um "nível de atenção menos refinado" — ou seja, identificamos essas diferenças regionais rapidamente quando ouvimos e somos capazes de reproduzi-las no nosso próprio modo de falar. Já o sotaque contempla propriedades acústicas mais refinadas, nuances muito discretas que às vezes nem percebemos — e, para "imitarmos" naturalmente, seria necessário certo nível de interação com o falante dessa variante. Estudos feitos nos EUA que compararam a percepção e aquisição de linguagem mostram diferenças significativas quando crianças são expostas a telas ou quando elas interagem presencialmente com o interlocutor. "Ou seja, uma mera exposição a um conteúdo em vídeo não seria capaz de modificar o sotaque de uma criança. A pronúncia necessita da interatividade", explica Lopes. "A exposição a vídeos com pessoas de outras regiões pode afetar a questão dialetal, o que inclui o vocabulário, expressões idiomáticas, o modo de formular uma frase". Isso quer dizer que o intenso consumo de vídeos pode fazer com que a expressão "oxe" — popular em vários Estados nordestinos — faça cada vez mais parte do vocabulário de pessoas do Sudeste. Mas não seria capaz de fazer com que um paulista fale um "ti" ou um "di" bem marcado, característico na pronúncia de um paraibano, por exemplo.

BBC News Brasil. "O Youtube influencia o jeito de falar da minha filha". Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-56697071>. Acesso em: 13 out. 2021.

O trecho da reportagem acima, publicada no jornal BBC News Brasil, afirma que:

A) O contato com um vídeo que apresente o sotaque nordestino pode prejudicar a pronúncia das crianças de outras regiões.

B) O sotaque das crianças é modificado a partir do momento em que passam a falar "oxe", como os nordestinos.

C) O "ti" e o "di" bem marcado do sotaque paraibano pode ser facilmente adquirido por uma criança do Sudeste ao assistir vídeos nordestinos.

D) O dialeto das crianças que assistem a vídeos com sotaque nordestino pode mudar com a inserção de palavras típicas dessa região.

QUESTÃO 2

Texto I – Gonçalves Dias, "Canção do exílio" (1843)

Minha terra tem palmeiras

Onde canta o Sabiá,

As aves, que aqui gorjeiam,

Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,

Nossas várzeas têm mais flores,

Nossos bosques têm mais vida,

Nossa vida mais amores.

[...]

Minha terra tem primores,

Que tais não encontro eu cá;

Em cismar — sozinho, à noite —

Mais prazer encontro eu lá;

Minha terra tem palmeiras,

Onde canta o Sabiá.

DIAS, Antônio Gonçalves. Canção do exílio.

Domínio Público. Disponível em:

<https://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000100.pdf>. Acesso em: 26 set. 2025.

Texto II – Trecho do Hino Nacional Brasileiro (Letra de Joaquim Osório Duque-Estrada, 1909)

[...]

Do que a terra mais garrida

Teus risonhos, lindos campos têm mais flores;

Nossos bosques têm mais vida

Nossa vida, no teu seio, mais amores.

[...]

Terra adorada,

Entre outras mil,

És tu, Brasil,

Ó Pátria amada!

Dos filhos deste solo és mãe gentil,

Pátria amada,

Brasil!

BRASIL. Hino Nacional Brasileiro. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/hino.htm. Acesso em: 26 set. 2025.

A relação interdiscursiva entre os dois textos se estabelece principalmente pelo(a):

A) repetição de temas urbanos em ambos os textos.

B) preferência por formas fixas da poesia romântica.

C) retomada de versos com novo sentido patriótico.

D) oposição entre natureza real e imaginada.

QUESTÃO 3

Interativos demais

Antigamente, os escritores eram admirados apenas pelo que publicavam em livros e revistas. Quando algum leitor gostava muito do que havia lido e queria compartilhar com alguém, dava o livro de presente ou emprestava o seu. O conteúdo mantinha-se preservado, assim como seu autor. Ninguém divulgava um texto de Somerset Maugham como sendo de Virginia Woolf, ninguém

infiltrava parágrafos do Rubem Braga num texto do Sartre, ninguém criava novos finais para os poemas de Cecília Meireles. O escritor e sua obra eram respeitados, e os leitores podiam confiar no que estavam consumindo.

Além disso, artistas de cinema, músicos e esportistas eram mitos a cuja intimidade não se tinha acesso. Marilyn Monroe, Frank Sinatra e Ayrton Senna entregavam ao público o que prometiam – sua arte – e o resto era especulação. Mais tarde pipocavam biografias, saciando a curiosidade do público, mas o legado desses ícones se manteve para sempre incorruptível: eram os donos legítimos de sua imagem, de sua voz e de suas palavras.

Era uma época em que aceitávamos pacificamente nossa condição de plateia, até que se inventou o conceito de interatividade e as ferramentas para exercê-la. Por um lado, a sociedade se democratizou, todos passaram a ser ouvidos, diminuiu a distância entre patrões e empregados, produtores e consumidores: as relações ficaram mais funcionais.

Mas o uso dessas ferramentas acabou envolvendo para a maledicência e a promiscuidade virtual. Hoje ninguém consegue mais ter controle sobre sua imagem ou seu trabalho. Um ator de televisão diz “oi” para uma amiga na rua e na manhã seguinte correm notícias de que estão de casamento marcado. Uma cantora cancela um show porque está afônica e logo surge o boato de que tentou suicídio. Um escritor publica um texto no jornal e três segundos depois o mesmo texto está na internet, atribuído a Toulouse-Lautrec, que nem escritor foi.

E no mundano da vida acontece algo similar. Fofocas se disseminam no Facebook, vídeos íntimos são divulgados no Youtube, fotos de modelos vão parar em catálogos de prostituição e a credibilidade foi para o beleléu. Ninguém mais confia totalmente no que vê ou lê e isso pouco importa. Informações são inventadas, adulteradas, inexatas, porque, por trás das telas dos computadores, há muita gente querendo ter seu dia de autor, mesmo que autor de uma mentira.

Sinto nostalgia pelo tempo em que éramos seduzidos de frente, não pelas costas. Não se sabia toda a verdade sobre nossos ídolos, mas o mistério era justamente a melhor parte. Sentíamos-nos honrados por sermos receptores apenas do que eles tinham de melhor: o seu talento. Hoje não só engolimos qualquer factóide, qualquer manipulação, mas também a produzimos. A invencionice suplantou a arte.

Adaptado de MEDEIROS, M. Interativos demais. 28 de agosto de 2011. In: _____. A graça da coisa. Porto Alegre: L&PM, 2013.

Adaptado de MEDEIROS, M. Interativos demais. 28 de agosto de 2011. In: _____. A graça da coisa. Porto Alegre: L&PM, 2013.

No trecho “Mais tarde pipocavam biografias, saciando a curiosidade do público,” (segundo parágrafo), as expressões em destaque constituem:

- A) eufemismos.
- B) metonímias.
- C) sinestesias.
- D) metáforas.

QUESTÃO 4

Texto

Regredir tecnologicamente também significa regredir civilizacionalmente?

Explosões de pagers e walkie-talkies no Líbano revelam uma miragem ilusória e um risco profundo

José Manoel Diogo

As explosões recentes de pagers e walkie-talkies no Líbano, em ataques atribuídos a Israel, escancaram o abismo de uma guerra que parecia buscar refúgio na simplicidade e acabou criando uma nova forma de pesadelo. Esse pensamento me atravessou como um disparo silencioso, ecoando o desespero moderno em que a tecnologia já não é apenas um avanço, mas uma armadilha que se refaz na simplicidade mais cruel.

Pensemos juntos: retroceder para uma tecnologia mais arcaica, menos rastreável, como fez o Hezbollah, poderia representar uma tentativa de reencontrar uma certa

segurança, um refúgio? Talvez. Mas, ao que tudo indica, não há volta possível quando o poder encontra meios de manipular até os aparatos mais rudimentares. Há aqui uma ironia letal. O pager, aquele pequeno objeto que emitia bipes ansiosos nos anos 1990, transformou-se numa bomba nas mãos de inocentes, como aconteceu (...) no Líbano. Até podemos querer acreditar que uma tecnologia mais simples nos protege, mas isso não passa de uma ilusão.

O retrocesso tecnológico, nesse caso, é como um retorno ao analógico que acaba resultando em um pesadelo digital, disfarçado de nostalgia. Esta é a cruel realidade do poder: ele é capaz de transformar até as tecnologias do passado em armadilhas para o presente.

Aí reside a questão central: regredir tecnologicamente é também regredir civilizacionalmente? Se a tecnologia define, em certa medida, o avanço da sociedade, o que significa retornar a um tempo anterior? A resposta que se coloca, depois de observar episódios como esse, é que não há inocência no retrocesso. Ao tentar escapar da sofisticação dos drones e algoritmos, o Hezbollah recorreu a dispositivos arcaicos, julgados mais seguros. Mas essa tentativa de fuga da modernidade colidiu com a realidade nua e crua: até o que é obsoleto pode ser transformado em arma.

Mas o que nos pode intrigar mais é o impacto que esse retorno ao arcaico pode ter em outras esferas. Se começarmos a enxergar o retrocesso tecnológico como uma alternativa de segurança, o que mais poderíamos desconstruir? Na educação, por exemplo, poderíamos imaginar um retorno às lousas e ao giz, sob a crença de que isso nos protegeria das manipulações digitais. Mas, e se, tal como os pagers, essas ferramentas também se tornarem vulneráveis de outras maneiras? Será que o retorno ao simples é a resposta ou estamos apenas nos enganando ao pensar que o passado era mais seguro?

Na saúde, a digitalização tem sido fundamental para salvar vidas. Mas, com o medo crescente de ataques cibernéticos, poderíamos começar a voltar a métodos mais antigos, desprezando a precisão que as

novas tecnologias oferecem.

Chegamos à conclusão inquietante: a regressão tecnológica, como no caso do Líbano, é uma miragem perigosa. Não há retorno para um tempo mais simples. Essa ideia de que o antigo pode ser mais seguro carrega um risco profundo: o de inaugurar uma nova era de descanso ilusório, na qual, ingenuamente, buscaríamos refúgio em ferramentas arcaicas.

Esse movimento teria, sim, potencial para gerar uma descrença crescente na tecnologia moderna, criando brechas para retrocessos em vários setores e abrindo caminho para novos modos de controle e manipulação.

E o que restaria, então? Talvez uma falsa sensação de segurança, um conforto ilusório no retorno a ferramentas obsoletas, enquanto os verdadeiros mecanismos de poder permanecem intocados.

(Folha de São Paulo, Opinião, José Manuel Diego. Publicado em 21 set. 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/jose-manuel-diogo/2024/09/regredir-tecnologicamente-tambem-significa-regredir-civilizacionalmente.shtml> / Adaptado. Acesso em 21 set. 2024)

Considerando as relações sintático-semânticas do texto, analise os pares de orações apresentados a seguir e identifique aqueles em que os termos em destaque exercem, entre si, a mesma função sintática:

I. “em ataques atribuídos a Israel” e “Aí reside a questão central”.

II. “Mas, e se, tal como os pagers” e “Se a tecnologia define”.

III. “aquele pequeno objeto que emitia bipes ansiosos” e “acreditar que uma tecnologia mais simples nos protege”.

IV. “Mas o que nos pode intrigar mais é o impacto” e “o que mais poderíamos desconstruir”.

V. “**como** fez o Hezbollah” e “**como** aconteceu no Líbano”.

Os pares com função sintática idêntica são, apenas:

- A) III, IV e V.
- B) I e IV.
- C) II e V.
- D) III e V.

QUESTÃO 5

Fuga do cão

Era uma perseguição implacável. Injusta, poderia dizer. Afinal, como duas pernas podem competir contra quatro? Enquanto corria tanto quanto podia, percebia em assustadores relances que o cachorro ia alcançá-lo. Podia ouvir os sons guturais que provinham das entranhas do quadrúpede sedento de sangue.

Neste momento, ao perceber o fôlego lhe faltando, Jonas se arrependeu. Maldita hora que decidira entrar pelo portão deixado aberto pelo vizinho para pegar algumas frutas. Seus pais não haviam lhe ensinado tão incisivamente que pegar bens alheios é roubo?

Malditas laranjas suculentas, pensou!

Tarde demais para lamentos. Entrara no quintal do vizinho sem autorização, despertara o cão raivoso e agora fugia do facínora. Em certo momento, nem sentia as pernas – eram tão rápidas que dispensavam qualquer coordenação. Jamais imaginaria ser capaz de correr tanto assim. Tanto correu que, de repente, descobriu-se em outro bairro. Parou, resfolegando como um cavalo. Olhou para trás e descobriu que o cachorro desaparecera.

Deu um grito de alegria ao perceber que fora mais rápido do que o cão. Quem poderia imaginar? Enfim, duas pernas venceram quatro! O feito renderia muitas histórias entre os amigos.

E isto sem contar o fato de que o susto servira para lhe ensinar uma importante lição: da próxima vez, ouviria os pais e a voz da consciência. Foi quando um quintal alheio lhe chamou a atenção. Ao lado da casa, Jonas se deparou com uma cintilante árvore carregada de malditas laranjas suculentas!

Juliano Martins

Qual é o significado da expressão "Malditas laranjas suculentas", considerando o contexto inicial da narrativa?

- A)** Apesar de parecerem irresistíveis, tentar pegar as laranjas foi um preço muito alto a pagar devido à perseguição feita pelo cachorro.
- B)** As laranjas eram consideradas as frutas mais suculentas da região e, por isso, valiam o risco de pegá-las, apesar do cão bravo.
- C)** O rapaz sempre foi viciado em laranjas e, ao ver um pé carregado de frutas, não resistiu à tentação de furtá-las.
- D)** O personagem queria pegar as frutas para levar para a mãe, já que ela é apaixonada por laranjas.

QUESTÃO 6

Mia Couto é o pseudônimo de António Emílio Leite, nascido em Moçambique em 1955. Em muitas obras, Mia Couto reinventa a língua portuguesa por meio de um poderoso léxico poético, sob a influência dos falares das várias regiões do país, criando um novo modelo de narrativa africana, imbuído às vezes de uma cosmovisão mítica. *Terra Sonâmbula*, seu primeiro romance, publicado em 1992, conta as peripécias e provações do menino Muidinga e do velho Tuahir, que, fugindo da guerra civil após a descolonização de Moçambique, acham abrigo em um ônibus abandonado em uma estrada. Muidinga aí encontra os cadernos de Kindzu, cujos relatos estão relacionados ao passado do menino e da vida comunitária de Moçambique. O título da obra faz referência à instabilidade do País e, portanto, à falta de repouso e de paz de uma terra que permanece "sonâmbula".

O REGRESSO DE MATIMATI

Farida me dera um gosto novo de viver. Até ali me distraíra nesse estar contente sem nenhuma felicidade. Depois de Farida me tornei encontrável, em mim visível. Muitas vezes me avisei do perigo desse amor. Nenhum de nós podia esperar muito: como ela, eu era apenas passageiro esquecido de qual viagem. Mas Farida me mandava calar, dedo sorrindo sobre os lábios. Eu temia sua

inocência: ela estava desamparada, sem ninguém a quem recorrer. Eu sentia o mesmo, mas de uma outra maneira. Talvez porque não tivesse um filho, não tivesse ninguém. Minha única posse era o medo. Sim, foi para escapar do medo que saíra de minha pequena vila. Porque esse sentimento já totalmente me ocupava: eu passeava com o medo na rua, dormia com o medo em casa. Quem vive no medo precisa de um mundo pequeno, um mundo que pode controlar. Nosso mundo, meu e de Farida, tinha agora o tamanho de um navio. Para mim, aquele era apenas um passageiro momento. Para Farida, aquilo era o imutável cumprir de um destino.

Minha companheira comentava quase nada as realidades da vida corrente. Fantasiática, tudo para ela ocorria no além-visto. Só uma vez beliscou o assunto da guerra. Inquiria-me como se habitasse um outro país: — Essa guerra algum dia há de acabar?

Acenei que sim. Mas meu coração se pequenou, constreitinho. Farida queria conhecer mais: saber o motivo da guerra, a razão daquele desfile de infinitos lutos. Lembrei as palavras de Surendra: tinha que haver guerra, tinha que haver morte. E tudo era para quê? Para autorizar o roubo. Porque hoje nenhuma riqueza podia nascer do trabalho. Só o saque dava acesso às propriedades. Era preciso haver morte para que as leis fossem esquecidas. Agora que a desordem era total, tudo estava autorizado. Os culpados seriam sempre os outros.

— Pode acabar no país, Kindzu. Mas para nós, dentro de nós, essa guerra nunca mais vai terminar.

Farida não voltou a falar da guerra. Parecia não ter força para enfrentar as matanças distantes. Simplesmente parasse aquela discórdia dentro de si, aquela angústia que lhe tirava o sossego. Era só essa pequenina paz que ela sonhava. Quando, por fim, me despedi, ela me pediu: — Lá, em Matimati, nunca fale de meu nome. Eles me odeiam.

Já em meu concho, remando para terra, surgia clara a razão do meu retorno à costa. Eu procurava apagar o fogo que devorava aquela mulher. Nem sequer era generosidade. Precisava salvar Farida porque ela me

salvava da miséria de existir pouco. Havia, por fim, um alguém que não estava metido no mesmo lodo em que todos chafurdávamos, alguém que mantinha a esperança, louca que fosse. Farida, ao menos, tinha uma ilha com um inviolável farol, um barco que viria de lá onde habitam os anjonautas. Ao avistar a praia de Matimati, comprovei como são nossos olhos que fazem o belo. Meu estado de paixão puxava um novo lustro àquela terra em ruínas. Aquelas visões, dias antes, já tinham estado em meus olhos. Porém, agora tudo me parecia mais cheio de cores, em assembleia de belezas. Desembarquei sem conhecer por onde começar a busca. Desta vez, não havia tanta gente na praia. A multidão se tinha dispersado. Seria por consequência da ameaça das autoridades?

Fui subindo por um caminhezito descalço, um trilho tão estreito que mesmo duas serpentes não podiam namorar. A vila era menor do que parecia, suas casas estavam mais inteiras que as da minha terra. Havia, no entanto, excessivos refugiados. Dormiam nas ruas, nos passeios. Por todo lado, se viam corpos estendidos, esteirados ao sol.

Eu circulava por ali, divagante, devagaroso. Como começar para chegar ao filho de Farida? Procurar Irmã Lúcia? Não, ela pouco adiantaria. O menino saía da Missão rumo aos matos. O melhor seria encontrar tia Euzinha, ela saberia das pistas que Gaspar rumara. Mas, Euzinha: onde seria seu atual paradeiro? Estaria entre aqueles deslocados da vila? Ou resistira no campo, na sua casinha natal? Resolvi não resolver nada, deixar que a resposta acontecesse sozinha.

Restava-me um tempo. Farida prometera não abandonar o barco antes que eu trouxesse novidades de seu filho. Mesmo que viesse gente para resgatar o navio, mesmo assim ela aguardaria por mim. Trocamos jura contra jura.

COUTO, Mia. **Terra sonâmbula**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 103–105. (Texto adaptado).

Em “[...] tudo para ela corria no **além-visto**” (linhas 13 e 14), Mia Couto evidencia uma de suas principais características: a criação de novas palavras. De acordo com a gramática

normativa, a alternativa em que o emprego do hífen possui a mesma justificativa do vocábulo em destaque “**além-visto**” é:

- A) surdo-mudo.
- B) inter-municipal.
- C) vice-almirante.
- D) pseudo-sábio.

QUESTÃO 7

O texto seguinte servirá de base para responder à questão.

"Pensamos que fosse carrapato. A mãe cochilava e uma de minhas irmãs aflita, querendo livrar a boneca-mãe daquele padecer, puxou rápido o bichinho. A mãe e nós rimos e rimos e rimos de nosso engano. A mãe riu tanto de as lágrimas escorrerem."
(Fragmento I)

"E eu não sei se o lamento-pranto de minha mãe, se o barulho da chuva... Sei que tudo me causava a sensação de que a nossa casa balançava ao vento. Nesses momentos os olhos de minha mãe se confundiam com os olhos da natureza." (Fragmento II)

(Fragmentos do conto "Olhos D'água" de Conceição Evaristo)

Nos fragmentos do conto "Olhos D'água", há a presença de dois neologismos – "boneca-mãe" e "lamento-pranto" – que se destacam em função do nível de expressividade de cada um deles no contexto em que estão inseridos.

O processo de formação de palavras usado para a construção dos referidos neologismos é:

- A) composição por justaposição.
- B) derivação parassintética.
- C) composição por aglutinação.
- D) derivação sufixal.

QUESTÃO 8

A invenção da laranja

Fernando Sabino

A laranja foi um dia inventada por um grande industrial americano, cujo nome prefiro calar,

mas em circunstâncias que merecem ser contadas.

Fruta cítrica, suculenta e saborosa, ela começou sendo chupada às dúzias por este senhor, então um simples molecote de fazenda no interior da Califórnia. Com o correr dos anos o molecote virou moleque e o moleque virou homem, passando por todas as fases lírico-vegetativas a que se sujeita uma juventude transcorrida à sombra dos laranjais: apaixonou-se pela filha do dono da fazenda, meteuse em peripécias amorosas que já inspiraram dois filmes em Hollywood e que culminaram nas indefectíveis flores de laranjeiras, até que um dia, para encurtar, se viu ele próprio casado, com uma filha que outros moleques cobiçavam e dono absoluto da plantação.

Passou a vender laranjas. Como, porém, invencível fosse a concorrência de outras fazendas mais prósperas e a sua assim não prosperasse, resolveu um dia dar o grande passo que foi o segredo do sucesso do inventor da coca-cola, resumida num sábio conselho que lhe deram: engarrafe-a. Impressionado com essa história, resolveu engarrafar as suas laranjas.

Pior foi a emenda que o soneto, no caso a garrafa que a própria casca: depois de empatar todo o seu dinheiro numa moderna e gigantesca maquinaria de espremer laranjas, que dava conta não só das suas mas da produção de todos os outros plantadores da região, que passou a comprar, verificou que a garrafa não era o recipiente ideal para o caldo assim obtido, não só porque o preço dela não compensasse, mas também e principalmente porque o vidro não preservava devidamente as qualidades naturais do produto em estoque, que, com o correr do tempo, acabava se azedando. Tinha mania de perfeição, o nosso homem, perfeição que, tornada realidade pela eficiência da indústria moderna, e possibilitada pelas virtudes alimentícias da própria fruta, levaram-no à prosperidade que ele, hoje, sem trocadilho, desfruta.

Tendo, pois, implicado com a garrafa, e disposto a fazer chegar ao consumidor o suco da laranja com todo o cítrico frescor que a fruta diretamente chupada proporciona, houve

por bem que enlatá-lo seria a solução. Lamentável engano! Cedo percebeu que o produto assim acondicionado apresentava, entre outras desvantagens, a de não dar lucro nenhum. Mas, o que era pior, para que o suco em conserva não adquirisse, com o correr do tempo, aquele sabor característico dos alimentos enlatados, tornava-se necessário adicionar-lhe alguns ingredientes químicos - o que, evidentemente, ia de encontro à mais específica das virtudes do seu produto, que era a de ser natural.

Experimentou então as caixinhas de papelão parafinado, sem tampa, mas tão-somente com um pequeno orifício obturado, pelo qual o consumidor introduziria um canudinho, podendo assim beneficiar-se do produto sem que este se expusesse aos efeitos nocivos a que o sujeitam as mudanças de recipiente. Logo verificou, porém, que esta embalagem também apresentava sérias desvantagens, como a da sua fragilidade, quando submetida aos rigores dos transportes de cidade para cidade em grande quantidade.

Depois de tentar sem resultado todas as espécies de recipientes existentes, desde a madeira até a matéria plástica, começava a desanimar, quando lhe chamou a atenção a quantidade de casca de laranja que diariamente sua fábrica confiava à eficiência expedita dos lixeiros. Talvez a ideia tenha nascido apenas da necessidade de aliviar o trabalho deles, diminuindo o lixo e aumentando o lucro - o certo é que se pôs a cismar numa maneira de aproveitar tamanha quantidade de cascas (sabia, por experiência, que ao consumidor desagradavam as laranjas espremidas com casca) quando tal cisma se ligou à outra, relativa ao recipiente - e a ideia nasceu. Então imaginou, encomendou e mandou instalar uma aparelhagem completamente nova, destinada apenas a extrair o miolo da laranja através de um orifício, sem inutilizar-lhe a casca. Em pouco apareciam no mercado as primeiras laranjas contendo no seu interior o suco já espremido.

A ideia não foi avante. Para que a casca, assim transformada em recipiente, não murchasse em poucos dias, tornava-se necessário um beneficiamento artificial extremamente dispendioso, que garantisse o permanente frescor do caldo como só a

película natural dos gomos até então fora capaz.

Eis que o nosso grande industrial descobre repentinamente que o suco, para se manter fresco e natural, deverá ser conservado no interior dos próprios gomos da laranja e os gomos no interior da própria casca, inventando assim o melhor acondicionamento de seu produto que jamais tivera a ventura de imaginar. Com a grande vantagem, entre tantas outras, de poder ir diretamente das árvores ao consumidor, o que assegurava um mínimo de trabalho e um máximo de rendimento. Deslumbrado com sua invenção, correu à repartição pública mais próxima e encaminhou um pedido de patente. Tempos mais tarde, vendeu-a juntamente com sua aparelhagem e seus laranjais a um próspero fazendeiro da vizinhança, mudou-se para Nova Iorque e com o dinheiro comprou um rico apartamento em Park Avenue, onde, dizem, vive muito feliz, chupando laranja o dia todo.

Fonte: SANTOS, Joaquim Ferreira dos. (Org). *As cem melhores*

crônicas brasileiras. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007. (texto adaptado).

Assinale a opção na qual o termo destacado foi formado pelo processo conhecido como "derivação imprópria":

- A) "Pior foi a emenda que o soneto [...]" (4º§).
- B) "... e disposto a fazer chegar ao consumidor o suco da laranja com todo o cítrico frescor [...]" (5º§).
- C) "... para que o suco em conserva não adquirisse, com o correr do tempo, aquele sabor [...]" (5º§).
- D) "Experimentou então as caixinhas de papelão parafinado..." (6º§).

QUESTÃO 9

TEXTO

GOVERNO TAXA EMPRESAS DE APOSTAS EM 18%...



Adaptado de <https://blogdoafm.com.br/charge-governo-taxa-empresas-de-apostas-em-18/>. Acesso em 17 ago. de 2024.

O texto constrói uma crítica:

- A) às empresas de apostas, por lucrarem em cima da derrota do povo.
- B) aos apostadores, por apostarem mais dinheiro do que possuem.
- C) ao governo, por arrecadar dinheiro perdido pelos apostadores.
- D) à receita federal, por incentivar as apostas eletrônicas.

QUESTÃO 10

De vez em quando o McDonald's lança um sanduíche novo. Já teve Double Cheeseburger, McFish, McRibs e outros tantos. Agora as novidades são o Super e o Mini Big Mac. Põe hambúrguer, tira hambúrguer, mete peixe, muda o queijo, e só uma coisa não acontece: é porem um raio de uma fatia de tomate num sanduíche. Eis uma certeza, absoluta e concreta como um paralelepípedo: o tomate nunca teve nem terá sucesso num sanduíche do Mc. Pois o tomate, meus amigos, é um subversivo. Explico.

Todas as comidas usadas no Mc perdem a cara e o sabor delas e ganham a cara da lanchonete. O pão de lá só existe lá. O queijo do Mc é diferente, não se compra na padaria. O hambúrguer também. Os legumes são picados de uma maneira que quase somem lá no meio do sanduíche, perdem a sua, digamos, individualidade, para comporem uma cara e um gosto comuns. Tem que ser assim. É como os filmes de Hollywood, como as novelas da Globo: por mais que mudem os atores, autores e diretores, há um padrão de

qualidade que pasteuriza e deixa tudo com o mesmo gosto, o mesmo cheiro.

PRATA, Antonio. Tomate no McDonald's. Estive pensando: crônicas. Disponível em: <https://books.google.com.br>. Acesso em: 3 set. 2025.

O autor utiliza uma linguagem irônica e exemplos da indústria cultural para

- A) comparar os filmes e os lanches no que diz respeito à qualidade de ingredientes usados e das produções feitas.
- B) criticar a padronização cultural e o modo como produtos e conteúdos de massa anulam a identidade individual.
- C) denunciar os riscos à saúde provenientes do consumo de alimentos altamente calóricos em redes de *fast-food*.
- D) defender a superioridade da culinária caseira como forma de preservar os costumes tradicionais das famílias.

MATEMÁTICA

QUESTÃO 11

A ABNT NBR ISO/IEC 27002:2022 fornece um conjunto de referência de controles genéricos de segurança da informação, incluindo orientação para implementação. Uma das definições presentes nessa norma se refere a um incidente, seja previsto ou imprevisto, que causa um desvio não planejado e negativo da expectativa de entrega de produtos e serviços de acordo com os objetivos da organização.

Essa é a definição de

- A) ataque
- B) ameaça
- C) interrupção
- D) vulnerabilidade

QUESTÃO 12

O conjunto X é formado por dez números reais e possui a seguinte propriedade: A soma de quaisquer quatro números do conjunto X é positiva. É correto afirmar que:

- A) O conjunto X não possui números negativos.
- B) A soma dos elementos de X é positiva.
- C) O zero não pertence ao conjunto X.

D) A soma de quaisquer dois números de X é positiva.

QUESTÃO 13

Dados os

conjuntos $A = \{x \in \mathbb{R} \mid -2 < x \leq 4\}$ e $B = \{x \in \mathbb{R} \mid x > 0\}$, a intersecção entre eles é dada pelo conjunto

- A) $\{x \in \mathbb{R} \mid 0 < x \leq 4\}$
- B) $\{x \in \mathbb{R} \mid x > 0\}$
- C) $\{x \in \mathbb{R} \mid x > -2\}$
- D) $\{x \in \mathbb{R} \mid x \geq 4\}$

QUESTÃO 14

Dois conjuntos contêm 7 números pares consecutivos cada. O número de elementos da intersecção desses dois conjuntos é igual a 3. A diferença entre o maior e o menor elemento do conjunto união desses dois conjuntos, nessa ordem, é

- A) 4.
- B) 10.
- C) 8.
- D) 20.

QUESTÃO 15

Considere os seguintes conjuntos numéricos

$$A = \{x \in \mathbb{R} \mid x^2 - 1 \geq 0\}, \quad B = \{x \in \mathbb{Z} \mid |x| < 3\}$$

e $C = \{1, 2, 3, 4\}$. A respeito desses conjuntos, assinale a alternativa CORRETA.

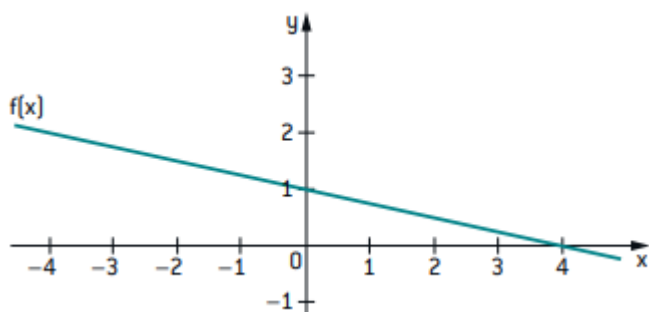
$\mathbb{R} \rightarrow$ conjunto dos números reais.

$\mathbb{Z} \rightarrow$ conjunto dos números inteiros.

- A) $3 \in B$.
- B) $A \cup C = C$.
- C) O produto cartesiano $B \times C$ tem 25 elementos.
- D) $A \cap B =]-3, -1] \cap [1, 3[$.

QUESTÃO 16

Considere o gráfico de uma função real afim $f(x)$.

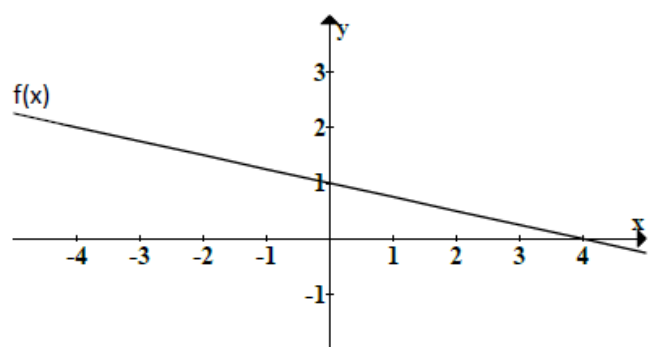


A função afim $f(x)$ é dada por

- A) $F(x) = -4x + 1$
- B) $F(x) = -0,25x + 1$
- C) $F(x) = -4x + 4$
- D) $F(x) = -0,25x - 3$

QUESTÃO 17

Considere o gráfico a seguir de uma função real afim $f(x)$.



A função afim $f(x)$ é dada por

- A) $F(x) = -4x + 1$
- B) $F(x) = -0,25x + 1$
- C) $F(x) = -4x + 4$
- D) $F(x) = -0,25x - 3$

QUESTÃO 18

O gráfico que representa a função afim $f(x) = ax + b$ é:

- A) Uma parábola.
- B) Uma constante inversa.
- C) Uma curva crescente.
- D) Uma reta.

QUESTÃO 19

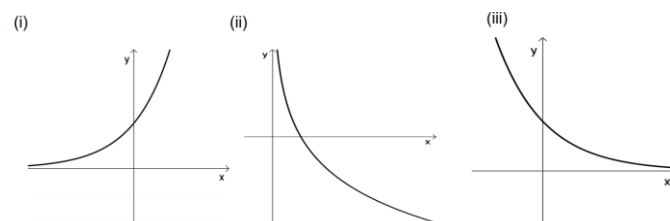
Uma função quadrática tem a origem como um dos seus zeros e passa pelos pontos $(-2; -4)$ e $(2; 12)$. O outro zero dessa função é

igual a

- A) -10 .
- B) -4 .
- C) 0 .
- D) 1 .

QUESTÃO 20

Abaixo encontram-se representados gráficos de funções exponenciais e logarítmicas seguidos de algumas classificações.



- (1) Função exponencial com base maior que 1.
- (2) Função exponencial com base entre 0 e 1.
- (3) Função logarítmica com base maior que 1.
- (4) Função logarítmica com base entre 0 e 1.

As associações corretas são:

- A) i – 1, ii – 2 e iii – 4.
- B) i – 2, ii – 3 e iii – 1.
- C) i – 1, ii – 4 e iii – 2.
- D) i – 2, ii – 4 e iii – 1.